SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX • AGOSTO DE 1973 • N.º 340

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

SESSENTA ANOS AO SERVIÇO DO RAPAZ

Em 6 de Setembro próximo passa o 60.º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal. «Sempre Pronto» quer assinalar o facto sem tentar fazer história porque tem arquivado nas suas colunas depoimentos de antigos dirigentes e antigos escoteiros onde a história do Movimento tem sido posta em relevo.

Os Portugueses foram sem dúvida dos primeiros povos a adoptar o Escotismo fora da Grã-Bretanha. Logo em 1911, em Macau, se fundou um primeiro grupo de escoteiros. Tem-se apontado este Grupo como o introdutor do Escotismo em Portugal, mas parece-nos forçada essa conclusão. O Escotismo em Macau deve-se à clarividência do então tenente Alvaro de Melo Machado, que, tendo tido conhecimento do Escotismo através de um professor britânico que lhe proporcionou a leitura do «Escotismo para Rapazes», logo se apercebeu do extraordinário valor educativo deste Movimento, procurando que a mocidade da Colónia de que era governador pudesse usufruir dos inegáveis benefícios dessa obra. O capitão Torre do Vale foi o colaborador dedicado quê organizou o grupo. Mas esta unidade não teve qualquer influência no Continente. O Grupo de Macau existiu enquanto o Governador Melo Machado o impulsionou. Logo que este regressou à Metrópole, o grupo extinguiu-se.

Em Lisboa, na então União Cristã da Mocidade, fundou-se em Abril de 1912 o primeiro Grupo de Escoteiros. Não foi mera tentativa, mas uma realização estável que encontrou naquela instituição o campo próprio para se desenvolver. Foram os primeiros escoteiros: A. G. Gomes, Roberto Rangel, Romérito Rodrigues Pampolim, Horácio Nunes Delgado, José Maximiano da Silva, Júlio Ribeiro da Costa (capitão), João da Silva Rosado, Luís Clington Lobo, Evaristo Pires Ramos e Armando Ramos, grupo animado pelos jovens ingleses John Brown e Frank Giles. Este Grupo encontrou o maior apoio nos dirigentes da União, srs. Rodolfo Horner, Roberto Moreton e Eduardo Moreira, o único de quem temos ainda a felicidade de gozar da sua companhia e da tão apreciada colaboração nestas colunas.

Depois do primeiro Grupo, logo surgiu o segundo Grupo, que marca a data da sua fundação oficial em 1 de Dezembro desse mesmo ano. Regressado de Macau, o Comandante Machado veio impulsionar esta unidade, a que se dedicou.

Em princípio de 1913, surgiu o Grupo n.º 3, anexo ao Liceu Pedro Nunes, que teve no respectivo Reitor, o Dr. António

Continua na pág 6

BRAVO!

À A. E. P. NOS SEUS 60 ANOS DE VIDA

Eis o Acampamemto Nacional — o XII Acnac, como se resolveu denominá-lo.

A Associação dos Escoteiros de Portugal comemora assim, com natural regozijo, a passagem do seu 60.º aniversário.

Regozijo porquê? perguntarão. Porque, ao contrário do que acontece com a natureza humana, numa associação como a A. E. P. a senectude não é o irremediável indicativo da dobagem dos anos. Não é muitas vezes esse mesmo fluir do tempo o ensejo para mostrar renovados alentos e vitalidade maior?

Que seja assim com a AEP, grémio de gente nova. Que neste aniversário ela se nos ofereça mais remoçada, vibrante de entusiasmo e disposta para uma acção mais profícua e eficaz na consecução do ideal consignado no programa que se propõe levar a cabo. Que no cumprimento de tal actividade, ela se mostre cada vez mais fiel ao espírito de fraternidade e de generosidade que animou esse punhado de Homens de querer que, seis décadas atrás, decidiu meter ombros a esta empresa destinada à revitalização da juventude.

Bem haja a AEP nas suas bodas de diamante! Bem hajam os seus dirigentes! Bem haja, sobretudo, a mocidade, a sua única razão de ser!





O XII ACAMPAMENTO NACIONAL MARCARÁ OS 60 ANOS DA A. E. P.

O XII Acampamento Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal vai constituir, por certo, um memorável acontecimento que, só por si, marcará festivamente aquela data.

O Porto é o local da sua realização e ali vão acorrer escoteiros de todas as partes de Portugal continental, insular e ultramarino. Também do estrangeiro virão

Continua na pág. 7



Grupo n.º 8

Concurso «Machado de Honra»

A classificação actual das patrulhas é a seguinte:

1.ª Patrulha Lobo — 81,6 pontos
2.ª Patrulha Falcão — 79,5 pontos
3.ª Patrulha Leão — 77,7 pontos

O machado encontra-se agora na posse da patrulha Lobo, que está de parabéns pela honrosa posição.

Entretanto, não perde a chefia do grupo a oportunidade para incentivar os escoteiros à participação no concurso associativo, pois «só assim poderão colher os louros do seu esforço».

Insígnia de 2.ª classe

Por ter completado as respectivas provas de aptidão foi concedida a insígnia de 2.ª classe ao escoteiro Constantino Manuel Sebastião Santos.

Colaboração com os Bombeiros

Iniciou-se em 4 de Julho passado um curso de preparação de caminheiros para efectiva colaboração com os Bombeiros Voluntários. A instrução está a ser ministrada pelo sr. Aires Mirra, da Corporação de Bombeiros Voluntários de Lisboa, devidamente autorizado pelo respectivo Comando.

Grupo n.º 19

2.º Curso de Esperanto «Luís Simões Aurélio»

Terminou o primeiro período deste curso, cujas explicações, por falta de acomodações na sede do grupo, foram dadas em casa do E. C. monitor sr. Jaime de Matos Correia. O aproveitamento foi o seguinte:

Escoteiro José João Carvalho Serra, Bom, 15 valores.

Escoteiro Ricardo José Coimbra, Bom, 12 valores

Escoteiro Luís Filipe Nogueira, Suficiente, 5 valores.

Escoteiro Luís Peres do Carmo, Suficiente, 5 valores.

Escoteiro António Mateus Henrique, Suficiente, 5 valores.

Lobito Francisco Falcão Fatela, Bom, 10 valores.

Menina Ana Paula Jorge M. Correia, Bom, 12 valores.

No próximo mês de Setembro, após as férias, será anunciada a abertura do 3.º curso e o aperfeiçoamento dos já participantes, cursos que terão como auxiliares do monitor o guia de secção José Jorge Miranda de Matos e o escoteiro José João Carvalho Serra.

SUGESTÕES PARA A ESTADIA NO PORTO

Caro irmão-escoteiro:

Sabes, com certeza, que um acampamento de escoteiros, e sobretudo um Acampamento Nacional como é este em que presentemente te encontras, não é ocasião para se passar os dias regaladamente à sombra do arvoredo, na sempre inconveniente ociosidade.

É claro que o programa do ACNAC demonstra bem que há tarefas a cumprir, as quais, longe de constituírem desagradável sobrecarga de trabalho, irão despertar em ti e nos teus companheiros o maior entusiasmo e tornar a vossa estada aí num momento dos mais aprazíveis, que haveis de recordar por muitos anos certamente.

Pois, a tua presença na Cidade Invicta dá-te oportunidade de conheceres a urbe nortenha, a famosa Capital do Norte, cidade das mais típicas do nosso País, com um passado que a liga intimamente à história da nossa Pátria e com um presente que dá seguras garantias de largo e promissor futuro.

Aceita esta sugestão: aproveita a ocasião para conheceres, o melhor que puderes, a vetusta cidade. Verás coisas de muito interesse, tomarás conhecimento com um povo de acentuado carácter bairrista, hospitaleiro, generoso e trabalhador.

O Porto tem monumentos que não deves deixar de visitar. Sugerimos-te alguns:

As três pontes: a de D. MARIA PIA, construída por Eiffel, onde passa a linha férrea, a de D. LUIS, para o trânsito rodoviário, com dois tabuleiros, também de ferro; e a PONTE DA ARRABIDA, elegante construção moderna, de arrojada concepção, toda de betão armado.

SÉ — velho templo, do século XII, de fundação românica, estilo de que restam poucos vestígios em resultado das remodelações que sofreu. Claustro gótico, com excelentes painéis de azulejos nas paredes.

IGREJA DE S. FRANCISCO — Formoso templo gótico do século XIV, com belo portal barroco. Magníficas talhas douradas, cuja exuberância lhe mereceu a qualificação de *igreja de ouro*. Linda rosácea na fachada.

IGREJA DE CEDOFEITA — também do século XII, recentemente restaurada e reintegrada no estilo românico original. Embora singela, esta igreja é um bom exemplar daquele estilo. Dois belos portais.

Outras igrejas há no Porto que também são dignas de visita.

TORRE DOS CLÉRIGOS — em estilo barroco. 75 metros de altura. Das melhores da Europa.

MURALHA FERNANDINA — últimos vestígios próximos da C.ª de Vandoma. Séculos XI e XII.

PALÁCIO DA BOLSA — de belas linhas clássicas. Maravilhoso salão árabe.

PALÁCIO DO FREIXO — sumptuoso edifício do estilo barroco, construído no final do século XVIII por um arquitecto italiano. Por muitos, considerado no género o melhor edifício do Porto.

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO — Grandiosa fachada principal, no estilo clássico, obra de um arquitecto inglês.

CASA DO INFANTE D. HENRIQUE — onde se julga ter nascido o Infante. Reminiscências medievais.

PRAÇA DA LIBERDADE E AVENIDA DOS ALIADOS — Majestoso conjunto de modernos edifícios, sobrepujado pela Câmara Municipal. O coração da velha cidade. Na Praça da Liberdade, a estátua equestre de D. Pedro IV.

MUSEU DE SOARES DOS REIS — sumptuoso e moderno museu, dos mais importantes do nosso país. Instalado no magnífico Palácio das Carrancas, magistralmente adaptado para o efeito. Riquíssimas colecções de arqueologia, arte religiosa, numismática e medalhística, cerâmica e ourivesaria. Quadros dos nossos melhores pintores, assim como de estrangeiros. Esculturas famosas, como *O Desterrado*, de Soares dos Reis, obra-prima da escultura portuguesa.

Não deves perder os passeios, pelos velhos bairros da cidade. Vai até à Foz e ao Castelo do Queijo. Se puderes dispor de automóvel, segue pela estrada à beira do Douro até à Foz do Sousa. Panoramas deslumbrantes. Vai também até Vila Nova de Gaia e goza daí o soberbo espectáculo da velha cidade. Se puderes, visita igualmente Leixões, com um bom porto artificial, e Leça do Balio, onde poderás admirar o maravilhoso Mosteiro, magnífico exemplar do gótico.

Segue estas sugestões e verás que a tua ida ao Porto será muito proveitosa e ficará como agradável recordação.

E a propósito: não esqueças também a magnífica cozinha regional...

E ainda outra sugestão: lê o primeiro capítulo, pelo menos, da bela obra de Raul Brandão «Os Pescadores». Aí encontrarás, em maravilhosas páginas do célebre escritor, a descrição do que era a vida das gentes que viviam junto ao Douro na grande capital nortenha. Uma obra que valoriza uma biblioteca.

DOS AÇORES

500 escoteiros desfilaram em Angra do Heroísmo

O Dia do Escoteiro — 23 de Abril — foi comemorado no domingo seguinte na capital da Terceira, servindo para abrir as comemorações do 60.º aniversário da A. E. P. e o 50.º aniversário do C. N. E.

Tomaram parte no desfile, além do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, os agrupamentos do C. N. E. da ilha, bem como as Guias e os Escoteiros da «Boy Scouts of America» do destacamento americano nas Lajes.

Efectuou-se uma missa e depois os escoteiros e as guias dirigiram-se à Praça da Restauração, encontrando-se à frente dos Paços do Concelho, o Governador do Distrito, sr. dr. Francisco Cabrita Matias; o vice-presidente da Junta Geral, Dr. Gervásio Luso de Sousa Martins; o presidente da edilidade, dr. Moniz de Oliveira; comandante do B. I. I. 17, tenente-coronel Morgado; secretário do Governo Civil, dr. José Mendes Melo Alves; comissário regional da M. P., dr. Vítor Magalhães e o presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo 52, dr. Henrique da Costa Brás.

Novos escoteiros

O dia 6 de Maio, foi de festa para o Grupo 52 porque as suas fileiras foram reforçadas com mais 27 elementos, que prestaram promessa numa sessão realizada no Seminário Diocesano, que reuniu muitos familiares dos escoteiros, membros das duas associações escoteiras e amigos do Movimento.

Fizeram promessa 10 novos lobitos e prestaram compromisso de honra 16 escoteiros e 1 caminheiro.

A. E. P. — SERVIÇOS CENTRAIS

1.° Concurso interpatrulhas 73

Terminou em 30 de Julho p. p. este interessante concurso, no qual participaram 43 patrulhas de diversos grupos do Continente e também dos grupos de Luanda, Benguela e Dondo.

Os Serviços Centrais estão a receber os cadernos e os trabalhos para classificar, após o que divulgarão a respectiva tabela de classificação.

Concurso de fotografias

Constituiu verdadeiro êxito o concurso de fotografia levado a efeito pela Chefia Geral, que recebeu cerca de 400 fotografias.

O júri daquele certame foi já escolhido, devendo serem conhecidas, dentro em breve, as respectivas classificações.

Durante o próximo Acampamento Nacional decorrerá uma exposição fotográfica com os trabalhos aprovados pelo Júri.

2.° Concurso interpatrulhas 73

Dentro de bases semelhantes às que orientaram o 1.° concurso do corrente ano, vai decorrer durante o XII ACNAC o 2.° concurso interpatrulhas.

Este constará de provas e tarefas correspondentes à 2.ª classe de conhecimentos escoteiros, com a inclusão de «raids» de exploração e estudo da zona à volta do acampamento.

O concurso terá início com a apresentação das patrulhas à entrada do XII e terminará no dia 23, com especial incidência nos dias 21 e 23 de manhã.

Cada patrulha receberá um CADERNO-GUIÃO para seguir a execução das várias tarefas e provas a realizar.

Os prémios a atribuir são os seguintes:

1.° lugar — Diploma e 1 000$00 para compra de material.

2.° lugar — Diploma e 700$00 para compra de material.

3.° lugar — Diploma e 300$00 para compra de material.

4.° e 5.° lugares — Diploma de Menção Honrosa.

Nomeações

Pela Direcção Central da A. E. P. foram homologadas as seguintes nomeações:

Colaborador especial do organizador nacional do Jambori no Ar: Rui Fernando Farinha da Trindade Fonseca.

Chefe dos serviços administrativos do Núcleo de Vila Nova de Gaia: António Morais Sá, ex-chefe do Grupo 41.

Chefe do Grupo 16: Libertário da Costa Sousa, em substituição de Joaquim Mário Amaral, que pediu a exoneração do cargo.

Chefe do Grupo 25: António Alexandre da Silva Ferreira.

Chefe do Grupo 26: Manuel da Silva Leite.

Chefe do Grupo 28: José Anselmo Caracol Serrado.

Chefe do Grupo 31: Júlio dos Anjos Ferreira da Rocha.

Chefe do Grupo 41: Horácio José da Paiva.

Chefe do Grupo 51: Alfredo Caetano Bandeira Rodrigues.

Chefe do Grupo 80: Floriberto Correia de Melo, em substituição de Fernando Soares de Macedo, que fixou residência nos Estados Unidos da América do Norte.

Assistentes Religiosos:

do Grupo 8 (Secção da Ameixoeira): Padre José Paixão Pereira Damásio;

do Grupo 80: Padre António Manuel Frias Martins.

Membros de direcções de Grupos:

Grupo 25:

Presidente: David Fernando Seara de Sá, escultor e vice-reitor do Liceu Nacional de Guimarães;

Vogais: Manuel Ferreira e Henrique Ferreira;

Grupo 26:

Presidente: Dr. Roldão de Oliveira, médico-veterinário;

Secretário: Renato da Cruz Vilela, oficial de diligências;

Tesoureiro: Álvaro Nogueira Graça, zelador municipal.

Grupo 31:

Presidente: D. Isabel Maria Cabral Diniz da Gama da Costa, assistente social;

Vogais: D. Palmira Marques, Carlos Alberto Ramos dos Reis Torgal e Joaquim Alves da Costa.

Grupo 41:

Presidente: Rev. Fernando da Luz Soares;

Secretário: José Fernando de Jesus Araújo;

Tesoureiro: Franklin do Couto Alves Soares.

Grupo n.° 51:

Presidente: Dr. António Manuel Tavares Alves Martins, médico;

Vogais: Armorindo da Conceição Coelho, empreiteiro e Joaquim do Carmo Lobo, guarda-livros.

Recompensas

Pelos serviços prestados ao escotismo, nos grupos, ou ao movimento em geral, deliberou a Direcção da A. E. P. conceder as seguintes recompensas:

Medalha de assiduidade, cobre, ao Caminheiro do Grupo 9, Fernando Eduardo Lima Costa;

Medalha de dedicação e bons serviços, cobre, ao Caminheiro do Grupo 8 Jorge Manuel da Silva Alves.

Medalhas de agradecimento:

classe cobre:

Prof. Félix Fernandes de Oliveira, radioamador CT1 BH, por serviços prestados aos Grupos 22 e 23;

José Esteves Farizo, radioamador CR6 IS, por serviços prestados ao Grupo 39, de Benguela, Angola;

classe prata:

Rede dos Emissores Portugueses, por serviços prestados à Organização Nacional do Jambori no Ar;

António Pereira de Sousa, radioamador CR6 FW, por serviços prestados ao Grupo 39, de Benguela, Angola;

Celso Rodrigues Faria, radioamador CR6 IV, por serviços prestados ao Grupo 39, de Benguela, Angola;

João A. V. Raposo, radioamador CT2 AK, pela colaboração que há mais de 5 anos vem prestando ao Grupo 80, de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores.

Classe oiro:

Eng.° Manuel Cagliardini Graça, Director dos Serviços Industriais dos Correios e Telecomunicações de Portugal, por serviços prestados ao Movimento, nomeadamente à Organização Nacional do Jambori no Ar.

Grupo 27 — Azambuja

Festa anual

Esta novel unidade da Azambuja levou a efeito, nos dias 21 e 22 de Julho passado, a sua Festa Anual.

No dia 21, após a recepção aos escoteiros convidados, realizou-se no Esteiro um acampamento. À noite houve uma sessão cinematográfica no Largo da Câmara.

No dia seguinte, os festejos continuaram. Logo de manhã, foram içadas as bandeiras no acampamento, após o que os escoteiros se dirigiram para a Câmara Municipal, onde apresentaram cumprimentos à edilidade.

Seguidamente, foi realizado um grande jogo na vila, findo o qual os escoteiros tiveram missa. Após o serviço religioso, os novos lobitos e escoteiros prestaram a promessa e o compromisso de honra.

Durante o dia, houve ainda a corrida de *trottinettes*, gincana, corridas de sacos e de andas e diversos jogos escotistas.

Assim decorreu um alegre acontecimento para os rapazes deste grupo ribatejano.

LI Poemeto filatélico

Diante dos selos comemorativos do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas».

Camões: quanto se escreve,
Camões: quanto se diz!
Que a Pátria muito deve
ao Épico infeliz.
Talvez se esqueça em breve
(se até alguém desdiz...)
pois a memória é leve,
esvai-se por um triz!

O bem que ele não teve
eu faça, se o não fiz!

Se a vida de hoje, acerba,
me leva a esquecer,
Que venha o «res non verba»
forçar-me ao bem-fazer.

As tantas servidões
de diverso jaez
e múltiplos padrões,
de muita humana rês:
de muito ingrato ser
que eu vejo e que tu vês,
dão-nos ocasiões
de verazmente ser
amigo de Camões,
deveras Português!

EDUARDO MOREIRA

PÁGINA DO ESCOTEIRO





Para ti, irmão escoteiro

Sim à amizade

Estás em pleno Acampamento Nacional, vivendo dias que sempre te ficarão na memória, pois tu participaste no XII Acnac que comemora os 60 anos da AEP.

Tiveste já os encontros com escoteiros de todos os pontos do país, das Ilhas e do Ultramar e também escoteiros estrangeiros estiveram à tua beira.

Que belíssima oportunidade para viver a maior norma que B.-P. deixou ao movimento: a AMIZADE.

Creio que não terás outra tão cedo e é preciso aproveitar a altura e agarrá-la com ambas as mãos.

Espalha alegria no teu rosto e angaria amizade com todos os teus irmãos escoteiros. É necessário que a palavra camaradagem atravesse o coração de todos os escoteiros presentes e que arranjes amigos em todo o campo.

Como fazer isso? perguntas tu.

Fácil: hoje convidas um companheiro desconhecido para jantar, serve-o como um príncipe (ainda que seja bacalhau com batatas), amanhã oferece uma lembrança a outro escoteiro, troca recordações com aqueloutro, pede esclarecimentos sobre o local onde vive estoutro. Não fiques parado à espera que o tempo se escoe: planta a amizade.

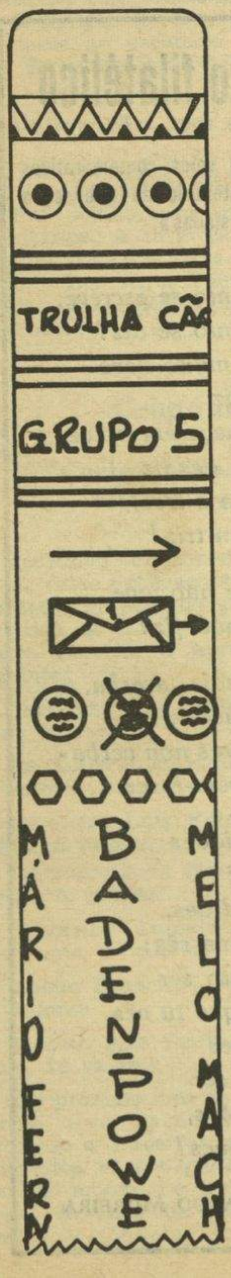
Os frutos de uma boa amizade perduram por toda a vida e são sempre belos e viçosos, ainda que os nossos cabelos fiquem brancos como neve e o nosso corpo se negue a movimentos juvenis.

Diz a nossa lei que o escoteiro é irmão de todos os demais escoteiros. Portanto, temos razão de sobra para sermos amigos e para trocarmos saudações sinceras.

Irmão escoteiro: faz neste Nacional um SIM À AMIZADE.

Teu amigo.

PATA DE LOBO



Um trabalho para fazer no Nacional



Decerto que as tarefas do Acampamento pouco tempo livre te deixarão. Jogos, excursões, competições desportivas consomem os dias em constante movimento, mas há sempre umas horinhas de folga que não deves desperdiçar.

Por que não gravar a fogo a tua vara de escoteiro?

É uma ideia. Vamos pô-la em prática.

Arranja um arame direitinho, não muito grande, aí com uns 10 ou 15 cms., e isola-o com um cabo ou com qualquer matéria que te proteja as mãos do calor.

Junto da fogueira, enquanto o chefe da cozinha prepara o almoço, coloca o arame no fogo até ficar ao rubro. Depois passa com ele pela vara, carrega um pouco e assim ela fica com uma marcação.

Primeiramente deves desenhar os motivos na vara e só depois os gravares a fogo, a fim de seguires um esquema interessante e com lógica.

Há mil e uma coisas que podem ser gravadas: nomes, bonecos, símbolos. A vara ficará decerto original.

Se não quiseres gravar bonecada na tua vara de escoteiro, grava, por exemplo, uma graduação em decímetros e centímetros, que te pode ser útil quando fizeres medições.

A gravura mostra uma vara escotista bastante decorada. Serás capaz de fazer melhor? Cremos que sim e, portanto, mãos à obra.

BICHO DA MADEIRA

Os Acampamentos Nacionais da A. E. P.



Tu, meu caro escoteiro que agora estás em pleno Acampamento Nacional, saboreando, quem sabe, umas «tripinhas à moda do Porto», um prato que não deve faltar no Parque da Cidade, talvez desconheças onde se realizaram os outros «Nacionais» da A. E. P.

Caso estejas interessado em saber (cremos que ainda há uma prova de classe em que se pede conhecimento do escotismo em Portugal...) continua a leitura do artigo mas, para que não oiças comentários às afirmações nele inscritas, que não são nossas, pois foram compiladas duma circular da Direcção da Associação, sempre te vamos elucidando que, embora o Acampamento Nacional em que participas se denomine XII, outras actividades de grande importância histórica não foram registadas por se terem perdido os elementos necessários para a sua classificação.

Dessa forma concluiu-se que foram 11 as grandes actividades levadas a efeito a nível nacional e realizadas pelos Escoteiros de Portugal até esta altura.

Recordemos, pois, nestas colunas onde foram realizados esses grandes encontros escotistas:

1.º — Mata da Paiã e Porto Brandão.

Decorreu entre 4 e 12 de Junho de 1916.

Participaram cerca de 20 grupos de escoteiros e constou de exercícios nos locais acima de designados.

2.º — Mata Nacional de Queluz.

Decorreu entre 13 e 23 de Agosto de 1927.

Participaram grupos de Lisboa, Algarve e escoteiros de Palmaz, Torres Novas, Santarém, Torres Vedras, Porto, Figueira da Foz, Coimbra, Seixal e Oliveira de Azeméis.

Foi chefe de campo o Dr. Alfredo Tovar de Lemos.

Durante o acampamento, decorreu um curso de guias dirigido por Dinis Curson, Franklim de Oliveira e Edmundo Santos Matos

Foi instrutor de jogos Alberto Lima Basto e intendentes de campo Albano da Silva e Júlio Leão de Almeida.

3.º — Mata da Quinta do Cabo Submarino, em Carcavelos.

Decorreu entre 9 e 21 de Agosto de 1933.

Participaram grupos de Lisboa, Algarve, Setúbal, Porto e Funchal

Dirigiram o campo Alexandre Martins Correia, A. Ferreira da Silva, Fausto Salazar Leite, Jorge Brotas Cardoso, Humberto Gomes Freitas e João Trigueiros.

Dirigiu a instalação dos grupos o chefe José Rodrigues.

Durante o Acampamento realizou-se a II Conferência de Dirigentes.

4.º — Cerca do Colégio Nuno Álvares, em Campanhã, Porto.

Denominou-se Acampamento Nacional da Exposição Colonial do Porto.

Decorreu entre 9 e 21 de Setembro de 1934.

Dirigiram o campo o Dr. Manuel Gomes dos Santos, Antero Nobre, Rui Santos, João Trigueiros e Frederico Matos.

Participaram cerca de 800 escoteiros de Lisboa, Algarve, Porto, Ilhas, Moçambique, Angola, Gibraltar e Espanha.

Neste acampamento comemorou-se a maioridade da A. E. P. 21 anos.

5.º — Estoril.

Decorreu entre 15 e 25 de Agosto de 1935.

Participaram grupos de Lisboa, Algarve e Norte do país.

Dirigiram o campo Franklim d'Oliveira e Rui Santos.

Este acampamento teve o patrocínio da Sociedade Estoril Plage e foi visitado pelo subsecretário de Estado das Corporações dr. Teotónio Pereira.

6.º — Alcobaça, Aljubarrota e Batalha.

Decorreu entre 13 e 16 de Agosto de 1936.

Participaram grupos de Lisboa e arredores, Entroncamento e Setúbal; do Norte veio boa representação de dirigentes.

Dirigiu Rui Santos.

Esta actividade constou de dois acampamentos, porque ficou integrada numa peregrinação nacional àqueles históricos lugares.

7.º — Quinta da Fonte, em Lisboa (Benfica)

Decorreu entre 30 de Agosto e 9 de Setembro de 1938.

Participaram todos os grupos de Lisboa, muitos grupos do Porto, Algarve e Madeira.

Dirigiram Franklim d'Oliveira, João Madeira Leitão e João Climaco Nascimento.

Neste acampamento comemorou-se as Bodas de Prata da A. E. P. e realizou-se simultaneamente uma Conferência de Dirigentes.

8.º — Acampamento dos Centenários.

Realizado em Lisboa, em terreno anexo ao Jardim do Hospital do Ultramar (Belém).

Decorreu entre 30 de Agosto e 9 de Setembro de 1940.

Participaram grupos de Lisboa, Porto e Algarve.

Dirigiu Franklim d'Oliveira.

Este acampamento realizou-se por ocasião da Exposição do Mundo Português, aquando das comemorações do duplo centenário da fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência de Portugal.

9.º — Estoril.

Acampamento do Verão, realizado na mata da Quinta de Santo António, no Estoril.

Decorreu entre 2 a 11 de Setembro de 1944.

Dirigiu Eng.º Jorge Pereira Jardim.

Participaram grupos de Lisboa e escoteiros das Regiões Norte e Sul do país.

10.º — Carcavelos.

Mata da Quinta do Junqueiro.

Decorreu entre 11 a 21 de Setembro de 1950.

Dirigiram Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., João Clímaco do Nascimento e João Madeira Leitão.

Participaram todos os grupos de Lisboa, Setúbal, Norte e Algarve.

Este acampamento foi realizado por ocasião da 2.ª Conferência Mundial dos Comissários Internacionais e da Reunião do Conselho Mundial do Escotismo que efectuaram os seus trabalhos em Lisboa, tendo muitos dirigentes estrangeiros visitado o acampamento.

11.º — Parque de Escotismo da A. E. P., na Caparica.

Denominou-se «ANAJU».

Decorreu entre 21 a 31 de Agosto de 1964.

Dirigiram Eng.º José Maria Nobre Santos, João Madeira Leitão e João Patrício de Melo.

Participaram todos os grupos de Lisboa, Norte, Sul, Açores e Moçambique.

Com este acampamento, comemorou-se o Jubileu da A. E. P., ou seja os 50 anos de actividades completados em 1963, tendo sido inauguradas as instalações do Parque de Escotismo da Caparica.

Durante o acampamento, realizaram-se várias sessões do Conselho Nacional de Chefes.

OLHO VIVO



Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos

Em 29 de Julho passado, faleceu este nosso dedicado amigo e assinante, que em virtude de uma crise cardíaca esteve alguns dias internado num estabelecimento hospitalar, onde os resultados obtidos no seu tratamento não faziam prever o doloroso desenlace.

O Rev. Carlos Augusto Vasconcelos, tinha 71 anos de idade, e a sua vida foi intensamente dedicada ao serviço do seu semelhante. Apesar das responsabilidades do desempenho de um cargo de funcionário superior do antigo Instituto Nacional do Pão, dedicava as horas que deveriam ser de ócio a obras de evangelização e educação. Foi pastor das igrejas presbiterianas de Lisboa, Montijo, Ajuda e Lisbonense, às quais devotou sempre um carinho e uma consagração exemplares, dedicando especial atenção aos movimentos da juventude.

Foi presidente da Direcção do Grupo 94 (Ajuda) e desde há anos presidia à Direcção do Grupo n.º 8, dedicando a esta unidade dos Escoteiros de Portugal uma simpatia que se evidenciava no carinho com que acompanhava as suas actividades.

Era casado com a Senhora D. Maria Angélica Salgado de Vasconcelos, pai dos Srs. José de Assis Salgado de Vasconcelos, Luís Fernando Salgado de Vasconcelos e Emanuel Salgado Vasconcelos, tendo o primeiro sido escoteiro do Grupo n.º 1.

O funeral realizou-se no dia 30 para o cemitério de Benfica e a multidão que participou nas cerimónias testemunhou a amizade que devotava ao Pastor Vasconcelos. Os caminheiros do Grupo 8 prestaram-lhe a última homenagem acompanhando a urna e tomando a aos ombros para a sepultura. «Sempre Pronto» faz-se representar pelo seu Director.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» formulam condolências muito sentidas à família em crepes.



O Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos quando tomava a palavra numa sessão a que presidia

Carimbo Comemorativo do LX Aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal

Devidamente autorizado pelos CTT, será aposto na correspondência a apresentar no dia 6 de Setembro, na sede da A. E. P. (no Cais do Sodré), o carimbo comemorativo do 60.º aniversário da nossa Associação.

SESSENTA ANOS AO SERVIÇO DO RAPAZ

Continuação da pág. 1

Joaquim Sá Oliveira, o Educador avisado que compreendeu o valor do Escotismo e logo o aceitou, enquadrando-o nas actividades que já animavam e valorizavam o seu liceu.

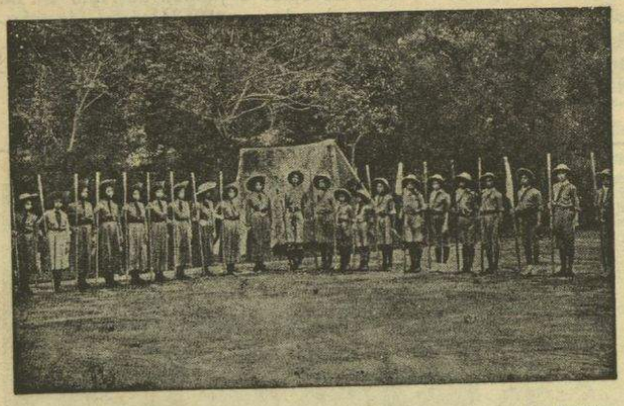
Foram estas três unidades que fundaram a Associação dos Escoteiros de Portugal, de que foi primeiro presidente o Dr. Sá Oliveira e primeiro escoteiro-chefe-geral o Comandante Melo Machado.

Graças a uma campanha que entretanto o diário «O Século» desenvolveu e, sobretudo, porque os Escoteiros conseguiram em breve vencer a estranheza da população, realizando em diversas emergências actos corajosos, o Movimento depressa ganhou mais adeptos e surgiram grupos em todo o país.

Vieram também rapidamente as dissidências: escoteiros maqueiros, escoteiros municipais, salvação pública, adueiros e, dez anos mais tarde, o Corpo Nacional de Scouts. Todos estes grupos desapareceram, excepto a União dos Adueiros de Portugal e o Corpo Nacional de Scouts (que mais tarde mudou a designação para Escutas). O Adueirismo era um movimento que procurou adaptar o Escotismo e a sua nomenclatura às características nacionais. Foi um movimento importante, que se desenvolveu sobretudo no Norte e teve dirigentes dedicados e promovendo bom Escotismo, embora nessa tendência para



Alguns dos primeiros escoteiros do Grupo 1



O primeiro grupo de escoteiros e escoteiras formado em território português na nossa província de Macau

modificar tivesse entrado demasiadamente pelo militarismo, aonde foi buscar muitos dos seus dirigentes. Foi extinto por decisão governamental em 1934, por ter sido excluído da Organização Escotista de Portugal.

A dissidência católica deveu-se à irrequietude do chefe Franklim António de Oliveira, que no Norte mobilizou elementos para criar o Corpo Nacional de Scouts, fundado em Braga, e que está agora a comemorar o seu 50.º aniversário. Franklim Oliveira voltaria anos depois para a Associação dos Escoteiros de Portugal.

Que a A. E. P. foi obra bem estruturada e fiel ao espírito do Escotismo prova-o o facto das suas estruturas nunca terem sofrido profunda alteração. Aberta a jovens de todas as crenças, de todas as opiniões e raças, enquadra-se perfeitamente no mais genuíno Escotismo, numa fidelidade aos princípios orientadores do Movimento. Pelas suas fileiras, como dirigentes, passaram educadores, mestres, que aqui trouxeram uma colaboração preciosa. Como Escoteiros, tivemos também rapazes que vieram a notabilizar-se em diversos sectores da vida nacional. Não citaremos nomes porque seriam muitos e certamente iríamos cometer omissões, mas o valor humano da obra da Associação dos Escoteiros de Portugal é constantemente evidenciado em toda a parte do país. Que o digam aqueles que usam o emblema do Escotismo na lapela e vão descobrir na Repartição, no Hospital, na Fábrica, na administração da Empresa, na bomba da gasolina, no estabelecimento comercial, em toda a parte, o homem devotado a bem-servir, que cumpre seus deveres com o sorriso nos lábios porque foi escoteiro. Que experiências interessantes poderiam ser testemunhadas?

A razão válida para comemorar esta efeméride com relevo reside efectivamente no valor da obra educativa que os Escoteiros de Portugal têm conseguido promover, lutando com dificuldades, com desinteresses, com animosidades e obstáculos deliberadamente levantados tantas vezes por aqueles que mais obrigação tinham de apoiar.

Os Escoteiros de Portugal estão passando por uma fase de desenvolvimento notável. Novos Grupos estão surgindo e novas dedicações se oferecem. Há que aproveitar este surto de progresso e dispensar-lhe todo o apoio e o maior interesse. «Sempre Pronto» saúda a Direcção-Central e todos os dirigentes regionais e das diversas unidades, com votos sinceros de que do seu esforço resulte sobretudo a formação do carácter de muitos rapazes, preparando-os para a vida em sociedade, para bem-servir, a fim de que a Associação dos Escoteiros de Portugal possa continuar a orgulhar-se justamente da obra de educação promovida, da sua feliz contribuição para uma melhor Humanidade.

FILATELIA

«JUBIKA 73» — 50 anos do Chalé de Kandersteg

Como já tivemos ocasião de anunciar, realizou-se de 22 de Julho a 10 do corrente uma série de actividades que serviram para comemorar o Jubileu deste interessante centro de acolhimento de escoteiros nas montanhas suíças.

Entre as actividades comemorativas, destacou-se uma Exposição Internacional de Filatelia Escoteira, que foi inaugurada no dia 30 de Julho. Os Correios Suíços assinalaram este acontecimento com a emissão nesse dia de um selo escoteiro.

O «Mensageiro de Bragança» fala de escotismo, mas informa errado

O «Mensageiro de Bragança», em 8 de Junho passado, falou de Escotismo, o que faz normalmente, pois dedica assídua atenção ao C. N. E. Desta vez, porém, usou a sua secção «Participação» que, segundo afirma, é uma página aberta a todos os que querem procurar a Verdade. O Escotismo é uma entre muitas formas de a procurar. De qualquer maneira, a Verdade nunca se pode encontrar no individualismo, no parasitismo, na exploração, no desprezo. *Estas são as palavras do Redactor do «Mensageiro», a que nos apraz acrescentar que também se não encontra a Verdade na interpretação unilateral ou facciosa dos factos.*

Portanto, quando se fala de Escotismo tem necessariamente de se pensar num Movimento que procura educar os rapazes a viver em comum e em fraternidade com outros rapazes de todas as etnias, de todas as opiniões e de todas as crenças. É este o conceito de Escotismo que respeita a Verdade.

Para falar de Escotismo, «Participação» quis ouvir dois rapazes, que fizeram declarações interessantes acerca do Movimento a que pertenciam. Quando o entrevistador lhes perguntou:

— Mas não há também organismos escutistas não-católicos? — *responderam:*

— *Bem. Há o C. N. E., que é o Escutismo Católico Português; e há o A. E. P. que é a Associação dos Escoteiros de Portugal, que engloba os NÃO-CATÓLICOS (é nosso o destacado).*

Afinal, a entrevista do «Mensageiro» não está a servir a Verdade. Acreditamos que os dois Escutas entrevistados estivessem convencidos de que falavam verdade à força de ouvirem muito repetida uma mentira. Também o Redactor do «Mensageiro» pode ter sido iludido na sua boa-fé por informações tendenciosas que tenha repetidamente ouvido. O facto, porém, é que ao serviço da Verdade, fica moralmente constrangido a rectificar a informação que inseriu. A Associação dos Escoteiros de Portugal é um movimento ao serviço da educação escoteira da juventude sem barreiras de crença, convivendo nas suas fileiras rapazes católicos e evangélicos e de qualquer outra religião. A maioria dos seus membros é católica, o que não impede que estejam nas suas fileiras rapazes de todas as crenças no mais amplo espírito ecuménico, visto que, como já foi afirmado, «o Escotismo era e é ecuménico avant la lettre.»

Estamos certos de que não vai faltar a corrigenda do «Mensageiro de Bragança», o que teremos muito prazer em registar nestas colunas.

Boletim Bibliográfico da Sociedade Portuguesa de Espeleologia

Recebemos os primeiros seis números deste interessante boletim, de grande interesse para os nossos espeleólogos.

Contém um completíssimo registo bibliográfico de obras editadas não só em Portugal, como também no estrangeiro.

Agradecemos.

«Sempre Pronto» em Azambuja

Em virtude de ter partido para o Ultramar em serviço militar, deixou de desempenhar o cargo de nosso correspondente em Azambuja, o sr. Amândio Quintino dos Santos, a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho dos seus deveres e das missões que tiver de desempenhar.

O XII ACAMPAMENTO NACIONAL MARCARA OS 60 ANOS DA A. E. P.

Continuação da 1.ª página

irmãos do mesmo ideal, para conviverem alegremente, participando da satisfação de todos nós, ao vermo-nos reunidos, assim, sem outra maior razão que o desejo de estarmos juntos, trocando saudações, consolidando amizades, confraternizando... vivendo!

A organização deste XII ACNAC foi confiada aos escoteiros do Porto, com a garantia daquilo que eles são capazes de fazer quando desejam ardentemente o êxito dos seus cometimentos. Trabalha para isso, desde o princípio do ano, uma equipa de gente dedicada, que se multiplica em esforços para que tudo esteja em ordem, na hora e no local, para dar início ao grande acontecimento.

Os Serviços Centrais da A. E. P. têm dado a sua colaboração, alguns organismos oficiais concretizarão o seu auxílio.

Os escoteiros trabalharão com entusiasmo para estarem presentes, aptos para a competição que se vai desenvolver. Um Acampamento Nacional é sempre um acontecimento ímpar na vida de qualquer escoteiro.

O futuro «Parque da Cidade» terá assim como que uma ante-estreia, prestando desde já um relevante serviço à juventude, como que a definir uma forte razão da sua utilidade e recebendo em troca o carinho de uma multidão de jovens e crianças que, educadas para amar e para servir, jamais deixarão de recordar com afecto o local onde viveram um acontecimento marcante da sua vida. O «Parque da Cidade» merecer-lhes-á sempre esse reconhecimento.

A secretaria do XII ACNAC, através de circulares dirigidas aos escoteiros, aos grupos, aos pais dos escoteiros e a outras entidades, tem promovido a divulgação daquela actividade, despertando entusiasmos, estimulando colaborações.

O EMBLEMA

Ao concurso, que foi oportunamente aberto para o emblema do XII ACNAC, foram apresentados 32 desenhos. O júri nomeado para o efeito atribuiu o 1.º lugar ao desenho n.º 15 da autoria de Manuel Teixeira, do Porto. No entanto foi resolvido escolher para emblema do Acampamento o trabalho de Arnaldo Couto, classificado em 3.º lugar.

O 2.º lugar foi atribuído ao desenho de Floriberto de Melo, de Ponta Delgada, que apresentou ainda mais dois trabalhos, classificados no 4.º lugar.

O PÓRTICO

De entre os 11 trabalhos apresentados, o júri decidiu escolher, igualmente, o desenho de Arnaldo Couto para o Pórtico representativo do Acampamento.

A MARCHA

Manuel Tacão entrou já na tradição dos Acampamentos Nacionais. Mais uma vez foram escolhdas a letra e música daquele antigo escoteiro para a marcha-canção representatva do XII ACNAC.

A Chefia Geral mandou executar algumas gravações que foram distribuídas pelos grupos para conhecimento e treino dos escoteiros.

OS ANTIGOS ESCOTEIROS

Para os antigos escoteiros, o carinhoso tratamento de sempre.

A Comissão Organizadora reservou local próprio para aqueles que desejarem acampar, enquanto a Chefia de Campo lhes dedicará a «Festa de Campo» do dia 26.

Os «antigos», serão, pois, benvindos no DÉCIMO-SEGUNDO.

PROGRAMA GERAL DO XII ACNAC

— Cerimónias religiosas, para as duas confissões religiosas mais expandidas (Católica Romana e Evangélica).

— Fogos de Conselho públicos.

— Concurso geral de instalações de campo.

— Excursão «**Raízes de Portugal**» (Póvoa de Varzim, Barcelos, Braga, **Guimarães**, Vizela e Santo Tirso).

— II Concurso Interpatrulhas-73 (duas manhãs).

— Torneio de **Voleibol** (duas tardes).

— Concurso de **Tira ao arco** (duas tardes, alternando com o voleibol).

— Concurso de **Pioneirismo** — concepção e execução ao inteiro critério de cada Pat. — Serão fornecidos materiais no local. As Pat. terão de levar: ideias e machadinhas.

— Passeio ao porto de Leixões, com volta em barco; possível competição em barco a remos.

— Recepção de **Confraternização** oferecida pelos escoteiros da Região Norte aos outros contingentes.

— Jogo nocturno.

— Visita à cidade do Porto e seus centros comerciais vinícolas.

— Possível ida a Leiria para visita ao Acampamento Nacional do C. N. E. que aí se realiza.

— Festa do **Lobito**.

— Almoço de confraternização dos Chefes, oferecido pelos Chefes dos Grupos do Norte, à maneira dessa região.

— Jantar de confraternização entre Grupos.

— Festas de campo, de abertura e encerramento do XII ACNAC.

— Uma noite de cinema.

— Algumas tardes e noites livres.

— Cumprimentos a entidades oficiais.

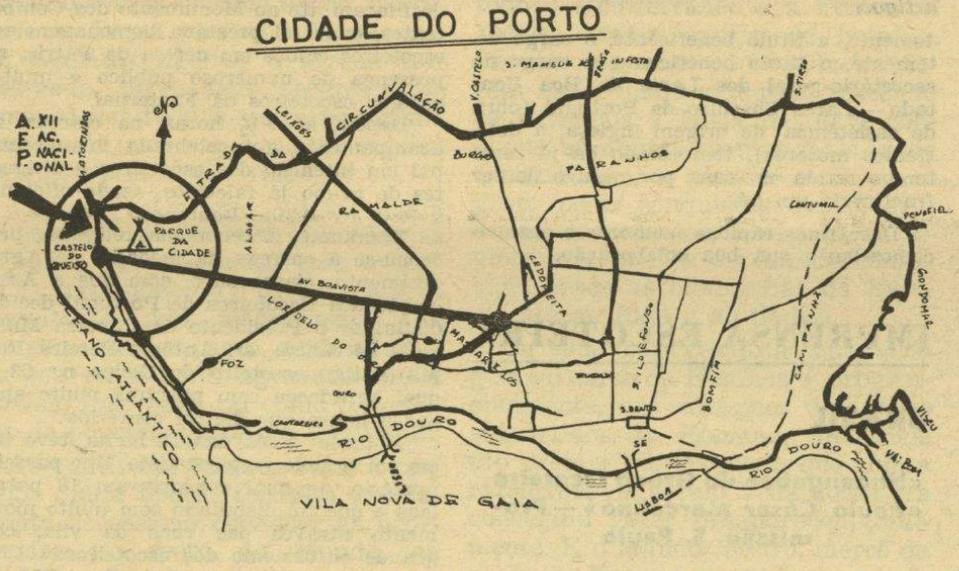
O XII ACNAC E OS CORREIOS

Tradicionalmente atenciosos e colaborantes com os escoteiros, os C. T. T. atenderam o pedido que lhes foi feito nesse sentido e resolveram:

— Aprovar um carimbo do **1.º Dia do XII ACNAC** para ser aposto na correspondência que for expedida do Acampamento no dia 19.

— Instalar uma Estação dos correios no Acampamento durante o dia da inauguração oficial (19.AG.73).

Escusado será realçar o interesse filatélico desta iniciativa que virá dar grande satisfação aos escoteiros filatelistas.



Dos amigos de «Sempre Pronto»

DOENTE—O nosso bom amigo sr. António Gonçalves (Barradas), pai do antigo escoteiro-chefe Ilídio Gonçalves e animador de teatro que tem colaborado com diversos grupos de escoteiros, nomeadamente o 60 de Vila Real de Santo António e o 8 de Lisboa, tem estado internado no Instituto de Oncologia, onde em Junho passado foi submetido a uma operação cirúrgica. Este nosso amigo encontra-se em boa recuperação, pelo que lhe desejamos um rápido restabelecimento.

EQUIPA RESPONSAVEL DO XII ACNAC

Serviços	Chefes
Chefia de Campo	Arnaldo Eduardo Couto
Secretaria	Jorge Dias Fernandes
Montagens	Manuel da Silva Teixeira
Abastecimentos	Joaquim da Rocha Saraiva
	Horácio José de Paiva
Informações	Arlindo Guedes Maia
Materiais	António Morais de Sá
Serviços Técnicos	Manuel da Silva Teixeira
Vigilância	Joaquim da Rocha Saraiva
Higiene e Saúde	José Duarte Teixeira
	Manuel Leite
	Mário Vieira Dias



O Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António, de novo em progresso

Têm-se animado as actividades do Grupo n.º 60, tendo em Julho organizado um acampamento de carácter permanente na Praia de Santo António, onde, no segundo fim-de-semana, se realizaram diversas actividades em que colaboraram os escoteiros dos Grupos 6, de Olhão, e 77, de Faro, tendo-se verificado extraordinário sentido de camaradagem e belo exemplo de prática escotista.

No dia 29, no mesmo acampamento, prestaram Compromisso de Honra os seguintes novos escoteiros: Alexandre José Barão Bringel, Jorge Carlos Sanina Domingos, Joaquim Manuel Lopes Nené, João Manuel Brito Graça, Henrique Encarnação Mascarenhas Bonança e António Manuel Mascarenhas Cavaco, que ingressaram nas patrulhas «Águia», «Lobo» e «Poupa».

C.

Excursão a Castro Marim

Depois de acampamentos e bivaques efectuados por escoteiros deste grupo, durante a Primavera, a Praia Verde, à Praia de Monte Gordo e à Praia de Santo António, este grupo fez deslocar bom número de escoteiros à histórica vila de Castro Marim, no que foram acompanhados por caminheiros e aspirantes.

A presença naquela vila dos elementos deste grupo despertou grande curiosidade entre rapazes dali, o que encheu de brio os escoteiros, desejando com o seu exemplo despertar a alegria naquela meia centena de jovens com a ideia de também virem a ser escoteiros.

Projectam-se outras excursões àquela localidade.

C.

O grupo n.º 6 de Olhão, realizou um jogo nocturno

No dia 6 do passado mês de Julho, este grupo, em cumprimento de deliberação tomada em conselho de guias, levou a efeito um jogo nocturno que despertou grande entusiasmo entre os seus rapazes.

O jogo, semelhante ao Jogo do Kim, clássico dos escoteiros, tinha por finalidade encontrar diversos objectos e insígnias escotistas que estavam expostos, disfarçadamente, nas vitrinas de várias casas comerciais de Olhão, que assim deram o seu generoso apoio a esta actividade.

No final, a patrulha Águia foi apurada como vencedora, triunfando das suas congéneres Galo e Andorinha.

Os antigos escoteiros da Águia, a propósito desta façanha dos seus continuadores, saúdam-nos fraternalmente, com um aperto de mão esquerda e um grito de *boa caça*.

JOANSI

A Federação do Escotismo Português

A respeito da nótula e da fotografia que publicámos no último número a propósito da Federação do Escotismo Português, escreve-nos o nosso estimado assinante e antigo escoteiro sr. Vasco Antunes a fornecer-nos mais algumas achegas para a história deste movimento federativo.

Diz o nosso amigo:

«Como o meu Amigo bem salienta, esta ideia é já antiga e foi discutida na reunião que se realizou em 1928, e não por volta de 1930, na Biblioteca da Imprensa Nacional, de que meu Pai, o coronel Dias Antunes, era então Director. Era também meu Pai membro da Direcção dos Escoteiros de Portugal, como delegado dos grupos de Angola. Nessa altura, havia só um grupo em Luanda, o n.º 36, que eu fundei, sendo Alto Comissário de Angola o Coronel Rego Chaves. Fui também o primeiro escoteiro-chefe desse Grupo, de que foi primeiro Presidente o então Primeiro-tenente da Armada Vasco Lopes Alves, agora Almirante.

Seria muito interessante e altamente útil ver agora realizada a ideia de todos aqueles cujos nomes vêm mencionados no artigo.»

temente, a título beneficente, o cargo de temente, o título beneficente, o cargo de secretário-geral dos Lares da Boa Vontade — Lares Cheshire de Portugal (obra de assistência, de origem inglesa, a deficientes motores), tem estado há já certo tempo retido em casa por motivo de ter fracturado um pé.

Desejamos rápidas melhoras e agradecemos-lhe a sua boa colaboração.

IMPRENSA ESCOTEIRA

BRASIL

«Nheengaba» do Grupo Escoteiro «Paulo César Marcelino» — Promissão, S. Paulo

Recebemos o número de Maio deste interessante jornal. Como novidade, verificámos que o 199.º grupo escoteiro do Brasil, que edita o jornal, mudou de nome, isto é, deixou de se chamar «Duque de Caxias», grande personagem da história brasileira bastante divulgada em todo o país, para se chamar «Paulo César Marcelino» que foi Escoteiro daquele grupo e que deu sempre o máximo do seu esforço e dedicação para o progresso daquela unidade da U. E. B.

«A Gralha» do 44.º Grupo Escoteiro Tupinambás

Em nosso poder encontra-se o número 6 de Abril p. p., que como sempre vem repleto de notiçiário daquele simpático grupo.

«O Guia» do 86.º G. E. David Barros Rio de Janeiro

Lemos os n.ºs 3 e 4 deste nosso colega de imprensa escoteira, como sempre recheado de bons artigos e de notícias escoteiras de toda a parte do mundo.

O 39.º aniversário do Grupo n.º 93 de Sintra

O 39.º aniversário do Grupo de Sintra foi assinalado com um acampamento realizado nos dias 28 e 29 do passado mês, em terrenos da sede do grupo, mesmo no coração da vila, mas num local que deixa ficar os escoteiros isolados, em pleno campo.

Perto de duzentos escoteiros, lobitos e dirigentes dos grupos n.ºs 5, 8, 9, 16, 22, 23, 27, 79, 84, 93, 94 e 379 (CNE) acamparam ali, constituindo, dadas as circunstâncias do terreno, um acampamento muito agradável e que nos fez lembrar acampamentos de outros tempos, dada a animação dos escoteiros.

O Grupo n.º 93 possui nesta altura condições excepcionais para prática de escotismo, pois o seu campo pode albergar mais de 500 escoteiros e dispor de muitos meios para realização de provas escotistas.

No sábado, pelas 22 horas, teve lugar o fogo de conselho, numa magnífica clareira, a que assistiram muitas dezenas de pessoas. Foi dirigido pelo chefe Armando Inácio do Grupo n.º 94.

O fogo de conselho, que decorreu alegre e dinâmico, começou com o ritual de Amâncio Salgueiro. Os grupos apresentaram números muito bons e a assistência colaborou com entusiasmo.

No domingo, pelas 8 ½ horas, foram içadas as bandeiras. Depois os escoteiros desfilaram até ao Monumento dos Combatentes, onde foi prestada homenagem aos escoteiros caídos em defesa da Pátria, na presença de numeroso público e muitos antigos escoteiros da Fraternal.

Depois, às 9 ½ horas, na clareira do acampamento, foi celebrada missa campal em intenção dos escoteiros e dirigentes do grupo já falecidos, sendo oficiante o Rev. P.e Abílio Lourenço.

Terminada a cerimónia religiosa, procedeu-se à entrega da medalha de Agradecimento, classe ouro, com que a Associação dos Escoteiros de Portugal decidiu distinguir o Presidente da Câmara Municipal de Sintra, sr. António Pereira Forjaz, antigo escoteiro do Grupo n.º 93, o qual agradeceu com palavras muito amigas a honra que lhe foi conferida.

A tarde, cerca das 14 horas, teve início um grande jogo escotista, tipo passeio-mistério, ao qual concorreram 18 patrulhas e que foi disputado com muito movimento através das ruas da vila, com grande entusiasmo dos escoteiros.

Foi vencedora a patrulha *Cão* do Grupo n.º 94, seguindo-se a patrulha *Noitibó* do Grupo n.º 16 e as patrulhas *Falcão* do Grupo n.º 31 e *Águia* do 79.

Os lobitos efectuaram ao mesmo tempo uma visita aos principais locais da vila de Sintra.

Pelas 18 horas, a actividade encerrou-se com o arriar das bandeiras.

O acampamento, que constituiu uma jornada de bom escotismo, foi dirigido pelo chefe Miguel Raposo Bicho, secundado pelos chefes Mário Luzano Leite e João Pereira Soares.

A. I.

ARGENTINA

«Vida Scout»

Mais um suplemento de propaganda de «Vida Scout» foi recebido na nossa redacção.

Verificamos que na Argentina se está fazendo um esforço muito sério e intensivo para a propaganda do escotismo, estando a ser usados todos os meios para uma eficiente divulgação do movimento não só para atracção dos rapazes, como também de adultos para as chefias.

NUGAS

VII

Observadores superficiais têm manifestado, por vários modos e em várias oportunidades, a opinião de a nossa época, em particular a decorrente desde o final da II Grande Guerra, se caracterizar pela sua materialidade, o gosto pronunciado pelos prazeres de toda a ordem, o desbocamento de linguagem, o desbragamento das atitudes e procedimento, enfim por um inegável retrocesso em relação ao próximo passado, à chamada *Belle époque,* tão carpida dos saudosistas.

É mais do que evidente, para os observadores atentos, e não só atentos mas ainda reflexivos, que tais juízos emitidos de forma tão simplista não podem aceitar-se de ânimo leve, sabido como para formar uma opinião acerca de uma época, sobretudo na forma generalizada com que os espíritos ligeiros o fazem, tornar-se-ia necessário abranger de uma só vez todo o vasto panorama do Mundo, sem o que qualquer juízo de valor pecará por falso.

Para aqueles que vivem numa certa época e abstraem de todas as ligações que ela tenha com o passado, forçosamente o panorama será restrito e não ultrapassará, na maior parte dos casos, as fronteiras do seu país, facto agravado ainda quando esse país, tal como o nosso, for de pequena extensão territorial.

Ao emitir um juízo de valor a respeito duma época, torna-se previamente necessário conhecer as ocorrências no resto do Mundo, as acções e reacções aí decorrentes, o entrechoque das ideias e das opiniões, a influência dos respectivos regimes nas populações e sua aceitação ou discordância desses regimes, tudo aquilo enfim que enquadra o homem no meio ambiente nacional e no mundo em que ele vive e vivem muitos biliões de seres humanos.

No que respeita à época que atravessamos, há um factor fundamental que grande parte dos velhos parece ter esquecido e a maioria esmagadora dos jovens parece ignorar: as consequências do tremendo e cruento conflito em que o Mundo se debateu de 1940 a 1945, cujas causas foram múltiplas, algumas delas indo entroncar em passado remoto, mas sobre que avultava um acervo de doutrinas político-sociais que o fizerem deflagrar.

Sempre que no passado se debateram interesses pelo recurso às armas, as consequências imediatas dos conflitos fizeram-se sentir em profundidade e extensão conforme a duração da luta e a amplitude do quadro em que ela se travou. Para quem conhece a História e não se limita a olhar apenas para o ambiente que o envolve, foram terríveis os efeitos das Guerras Pérsicas e da Guerra do Peloponeso. Limitadas, porém, como foram ao mundo helénico, não repercutiram no resto do mundo europeu, quando Roma apenas entrara na História e desde a Península Ibérica até para além dos Montes Urales formigava um acervo de povos em diferentes estádios de uma civilização primitiva ou até mesmo de profunda barbárie.

Já o mesmo não pode dizer-se das Guerras Púnicas, durante as quais todo o Mediterrâneo e a Península Ibérica foram campo de batalha. Por isso as suas consequências foram muito mais extensas, trazendo os Romanos à Hispânia, cuja conquista só quatro séculos mais tarde consumaram, e dando a Roma o gosto pelas conquistas que, com o dobar dos séculos, levariam as legiões aos confins do mundo conhecido, desde as montanhas da Escócia até ao Indo e ao Sudão.

De tudo isto resultou uma viragem no curso da História e, progressivamente, nos costumes dos povos submetidos ao Romano, influência tão vasta e tão profunda que nem a catástrofe do século V da nossa era conseguiu fazer desaparecer totalmente. E o Mundo inteiro, mercê da acção da Europa romanizada, ainda hoje é romano de essência, nas ideias, nos costumes, na própria linguagem até, que facetou línguas de estrutura tão diversa como as germânicas e as eslavas.

Quando a partir dos meados do século IV começou a fazer-se sentir a pressão das hordas bárbaras que estanceavam para além dos limites do Império Romano, os espíritos clarividentes teriam visto que pouco tardaria que a sua decadência e o enfraquecimento da sua autoridade convidassem à invasão, começada pela infiltração quase sub-reptícia e transformada em torrente que tudo avassalou na sua passagem, assim se alterando o curso da História e também o panorama do mundo romano.

Acaso alguém pode crer que não houvesse então quem lamentasse a vida que vivera antes até essa época convulsa e lançasse imprecações contra os novos tempos e os novos costumes? Se grande fora a corrupção moral do Império, transformado numa espécie de anarquia militar em que as legiões faziam e desfaziam imperadores e as imperatrizes ofereciam ao Mundo o espectáculo da sua devassidão, a irrupção dos povos do Norte não veio, nesse aspecto, melhorar os costumes, antes os agravou com a barbárie secular, apenas mitigada e não por completo pela influência do Cristianismo primitivo.

E se lermos as narrativas ingénuas e pávidas dos bispos Idácio de Chaves e Santo Isidoro de Sevilha, melhor compreenderemos o que, muitos séculos depois, escreveria o grande Fernão Lopes ao referir-se à profunda mudança de costumes em Portugal no dealbar do século XV após as lutas com o reino de Leão-Castela, numa época «na quall se levantou outro mumdo, e nova geeraçom de geemtes».

Meditando as palavras de Idácio, de Santo Isidoro e de Fernão Lopes, e transportando-nos para os nossos dias, logo notaremos uma semelhança impressionante, entre o convulso século V e o nosso século agitado, porque em todos os tempos e em todas as circunstâncias as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. E uma vasta e profunda convulsão político-social não pode deixar de influir fortemente nas ideias e nos costumes, desarticulando as estruturas da sociedade anterior para as substituir por outras supostas mais perfeitas.

Antes, porém, que a nova sociedade possa erguer-se nos seus fundamentos, terá forçosamente que decorrer uma época, mais ou menos prolongada, em que se observarão desencontros e entrechoques, no meio dos quais os espíritos se perdem e deixam de ver claro, tal como durante as tempestades é impossível a visão clara das destruições, só visíveis após a acalmia da tormenta.

A época em que estamos a viver é uma dessas: rugem ainda à nossa volta os ventos desencadeados pela tormenta do meado do século e são esses ventos os causadores daquilo a que os espíritos simples chamam o desvairamento dos nossos tempos.

Mas nenhuma tormenta, por intensa e vasta que tenha sido, perdurou indefinidamente: lá chega, para honra do Homem, a hora da tranquilidade e uma nova civilização se ergue sobre as ruínas da antiga que fora facetada durante os séculos pretéritos.

Há que crer no Homem, nas suas potencialidades e nas suas virtualidades, apesar do que de contraditório os nossos olhos possam ver. Há que crer na força do Espírito que é, afinal, uma das facetas da Razão

Continua na página 10

Morreu Luciano Silva

paladino de nobres ideais

Com o falecimento de Luciano Silva, ocorrido em 16 de Junho último, perdemos, todos nós, um lutador incansável que, durante mais de meio século, e desinteressadamente, muito nos ajudou, indicando-nos os nossos vícios, defeitos ou opiniões erróneas.



Nunca conhenhecendo a estagnação mental, fundou, ainda muito jovem, o Grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal, ajudado pelos membros da Igreja Evangélica Lisbonense, entusiasmado pelo Rev. Eduardo Moreira, por quem tinha uma admiração extraordinária. Com ele, fundou ainda a Academia do Livre Exame, um grupo de jovens que se propunha estudar os diversos problemas da sociedade do seu tempo. O símbolo dos componentes deste grupo era o célebre laço branco à Lavallière, que Luciano Silva só deixaria de usar quando deu entrada nos Inválidos do Comércio.

Pertencendo a sociedades vegetarianas ou a núcleos, director, editor e colaborador de publicações naturais, zoófilas e educativas, fez destas colectividades e destes órgãos de informação uma tribuna para a defesa de princípios sãos e morais, de iniciativas e práticas tendentes ao aperfeiçoamento da espécie humana.

Organizando ligas antialcoólicas, antitabagistas, da moralidade, etc., promovendo campanha contra o tiro aos pombos ou contra as touradas, nem tudo se perdeu nesta luta que travou para bem de todos os portugueses, bem que muitos poucos viriam a beneficiar, infelizmente.

Foi o naturo-vegetarianismo que ganhou a sua simpatia, pois a ele se entregou totalmente, tendo propagado a sua doutrina e os seus apostolados com tanto fervor e entusiasmo que chegava a comprar revistas vegetarianas para distribuir no comboio que utilizava diariamente, com o que mensalmente gastava centenas de escudos, que bem falta faziam no seu magro vencimento.

Queremos recordar, em síntese, as suas opiniões naturo-vegetarianas duma entrevista que nos concedeu há cerca de nove anos:

Porque é naturista? — «Sou naturo-vegetariano por reconhecer que as Leis Naturais devem ser seguidas, pelos seus benefícios para a criatura humana e por se harmonizarem com a minha filosofia, moralidade, espiritualidade, com o meu critério racional e humanitário».

Que é para V. o naturalismo? — «Para mim, tem sido uma bênção, como o é para quem conscientemente o segue. Por isso o propago desde que nele me iniciei, como regime de vida sã, conduta moral, filosofia prática e racional».

Acha que se pode viver sem comer carne nem peixe? — «Evidentemente. Não tenho a superstição atávica de que um pouco de cadáver é imprescindível para o organismo ou que este precise de uma porção de álcool...»

Muito culto, todas as suas conversas tinham interesse. O seu tom de voz era sempre muito calmo e nunca o vimos irritado. Espírito bem formado, incapaz de prejudicar alguém, praticava a FRATERNIDADE diariamente.

Muito poderíamos escrever sobre Luciano Silva, mas a emoção que a sua morte nos causou priva-nos de conciliar ideias, ficando tudo o que escrevemos um pouco disperso.

MARCOS FERRO



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Perspectivas para a Juventude

Uma associação escotista francesa levou a cabo um inquérito acerca de certos problemas relacionados com a educação da juventude. Apesar do número de respostas não ter sido famoso, a inquirição logrou um resultado muito proveitoso, pois, entre outros dados, ficou estabelecido que os traços dominantes do carácter dos jovens daquele país são o egoísmo, a indiferença por tudo quanto não seja de utilidade ou prazer imediatos, falta de atenção pelas necessidades ou interesses alheios, carência de autodomínio e impotência em se disciplinar.

Os resultados, francamente desanimadores do ponto de vista moral, mostram, à puridade, a grande crise educacional que o mundo atravessa. E o descalabro não se verifica somente em França...

Seria, porém, atirar mais uma acha para a fogueira do desalento quedarmo-nos estáticos, lamuriando a dissolução dos valores morais. Se observarmos ao redor, sem nos deixarmos iludir pela negrura do pessimismo, veremos que a luz da esperança continua a brilhar. Se bem que em estado latente, a mocidade está de posse ainda de todos aqueles atributos que, através de todas as eras, lhe foram inerentes, sendo, portanto, necessário que todos os que têm sobre si a nobre tarefa da educação lutem com vigor pelo desabrochamento dessas virtudes, extirpando as deformações que o contacto com um mundo corrupto lhes têm emprestado. Há que proporcionar aos jovens ambientes arejados, exemplos dignificantes e estímulo no seu trabalho. Se desenvolvermos na geração de hoje os predicados de beleza moral, imunizá-la-emos contra as influências delectérias do meio, contra a injustiça, ao mesmo tempo que irá firmando o seu valor, teimando na conquista dos seus ideais, progredindo e triunfando de todos os escolhos.

JOEL RIBEIRO

NUGAS

Continuação da página 9

soberana, que nos distingue honrosamente entre todos os animais. Há-de essa Razão imperar soberana no mundo de amanhã, vencendo definitivamente os últimos resquícios dessa Animalidade, que sempre teima em sobreviver. Com Virgílio, digamos, tal como escreveu na *Eneida*, que *mens agitat molem* — o Espírito domina a Matéria, verdade tão evidente nos dias que estamos a viver como há 2 000 anos na Roma de Augusto.

A. ÁLVARO DÓRIA
E. C. D.

«SEMPRE PRONTO»

O presente número tem 12 páginas e é dedicado ao 60.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal. A Administração tem procurado valorizar o «Sempre Pronto», aumentando o número de páginas de alguns números e desejaria fazê-lo cada vez com mais frequência. Isto representa elevado encargo, que tem sido possível graças ao auxílio dos nossos assinantes patrocinadores e de alguns amigos que têm feito simpáticas ofertas.

Esperamos que a este aumento de interesse do jornal possa corresponder um aumento do número de assinaturas, sem o que será difícil manter o actual desenvolvimento.

Fazemos especial apelo aos Antigos Escoteiros para que subscrevam assinaturas de patrocínio. Não desejaríamos aumentar o preço do jornal, para que seja acessível a toda a gente, particularmente à juventude escoteira. Mas aos Antigos Escoteiros, aqueles que melhor podem comprender o esforço que representa a publicação de «Sempre Pronto», pedimos que tomem a iniciativa louvável de subscrever assinaturas de patrocínio. O Assinante Patrocinador é aquele que, interessado no seu jornal, substitui a assinatura ordinária de 30$00 por outra de 50$00 ou mais. Temos o prazer de contar já com um bom número destes Assinantes. o que está permitindo fazer a despesa que representa a inserção de mais páginas

Temos ainda outro apelo a fazer aos assinantes que residem em localidades da província onde temos reduzido número de subscritores, muitas vezes um único. A cobrança postal nesses locais fica dispendiosa. Para receber 30$00 temos de gastar seis escudos. Seria muito útil auxílio se estes nossos amigos remetessem o valor da assinatura em selos ou vale postal, ou cheque. Se o recibo enviado a estas localidades não encontra o assinante, é feita inutilmente uma despesa de 4$50. Esperamos que este apelo encontre eco nos nossos estimados leitores.

A ADMINISTRAÇÃO

O Dr. António Ribeiro de Jesus, delegado brasileiro à XVI Conferência Mundial do Escotismo, visitou os Escoteiros de Portugal



De regresso ao seu país, vindo do Quénia, onde esteve como membro da delegação brasileira à XIV Conferência Mundial de Escotismo, passou por Lisboa o sr. dr. António Ribeiro de Jesus, coronel médico do exército brasileiro, filho de pais portugueses, que visitou a sede dos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal e, na presença de membros da Direcção Central, fez entrega ao Secretário-Geral, sr. Albano da Silva, de uma bandeira nacional do Brasil.

O sr. prof. Bica Miranda, do Secretariado para a Juventude, pessoa que tem estado em contacto com os escoteiros, como naquele momento se encontrasse presente, e porque tem em grande apreço o Escotismo aproveitou o ensejo para dirigir palavras de saudação ao dr. Ribeiro de Jesus. Da conversa ficou aprazado que, no dia seguinte, ele e os dirigentes dos Serviços Centrais da AEP se encontrariam com o dr. Ribeiro de Jesus, no hotel, a fim de lhe fazer oferta dum exemplar dos «LUSIADAS»:

Na reportagem do Jambori do Japão, da autoria do chefe Manuel Augusto Rodrigues, do Dondo, Moçambique, que «S. P.» publicou, faz-se referência à forma verdadeiramente fraterna como o dr. Ribeiro de Jesus, que chefiou o contingente brasileiro, recebeu e tratou aquele nosso colaborador.

Em conversa com o Secretário-Geral da AEP, que, em 1954, chefiou o nosso contingente ao Acampamento Internacional de Patrulhas, realizado em Interlagos, São Paulo, integrado nas comemorações do 4.º centenário da fundação da capital paulista, esteve o dr. Ribeiro de Jesus a mencionar nomes de dirigentes escotistas brasileiros, alguns deles conhecidos, como David de Barros, prof. Gabriel Skinner e prof. dr. Azevedo Amaral.

Foi, porém, particularmente interessante recordar o nome do prof. Abdon de Oliveira, que foi o primeiro chefe do dr. Ribeiro de Jesus, no Colégio Dom Pedro II, que fez parte da delegação do Brasil à Conferência Internacional de Escotismo realizada em Copenhague em 1924 e que muito privou com os nossos representantes. O dr. Ribeiro de Jesus fez saber que foi o chefe Abdon quem mais influiu para que ele viesse a cursar medicina.

Na gravura, que junto publicamos, vê-se o prof. Abdon de oliveira (x), tendo à sua frente o dr. Dinis Curson, à sua direita o dr. Bernardino M. d'Almeida e à sua esquerda o dr. Euclides Oliveira.

DA INICIATIVA À INACÇÃO

Muitas e diferentes palavras começam pela letra I, a mais aprumada do alfabeto: INICIATIVA, IMAGINAÇAO, INCENTIVO e também INCAPACIDADE, INACÇAO, IMPERFEIÇAO.

O escoteiro deve possuir qualidades que se definam pelas primeiras palavras e combater as das segundas; porque lá diz o artigo 8.º da «Velha Lei»: O escoteiro tem iniciativa e toma a responsabilidade dos seus actos, *que, pelo último Regulamento ficou transformado em:* O Escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades. *Mas, seja como for, para sorrir perante as dificuldades, é preciso ter iniciativa para as resolver.*

Vejamos o significado de cada palavra: INICIATIVA significa acção, actividade, invenção, energia, desembaraço, diligência; IMAGINAÇAO é o mesmo que inventiva, pensamento, concepção; INCENTIVO quer dizer estímulo, impulso, motivo. Agora, as palavras negativas: INCAPACIDADE, incompetência, imperícia, negação ou nulidade significam o mesmo; INACÇAO vale como desleixo, indecisão, irresolução, negligência, perplexidade, ociosidade ou preguiça; finalmente a IMPERFEIÇAO é defeito, falha, irregularidade ou incorrecção.

Uma reunião de escoteiros dotados das primeiras qualidades será uma reunião cheia de vida e dinamismo.

MAS SERÁ ISTO QUE SE VÊ?!... Observem na próxima reunião se há dinamismo e inventiva ou se os elementos que a constituem não parecem apáticos, sem imaginação, sem apresentarem sugestões. Os cérebros parecem parados; aguardam pacificamente que outros resolvam por eles. Não há reacção para aprovar ou reprovar programas.

Não pode ser assim. Temos de agir em conjunto com objectivo determinado; não como os carneiros, em que o mais velho vai à frente e, se se precipitar num barranco, todos os outros vão atrás dele. Temos de agir como seres inteligentes, pensantes e com iniciativa, com ideias que gostaríamos de ver postas em prática, e não ficar esperando que o Chefe tudo programe. Com elementos desta natureza, fica aos Chefes a missão de apreciar, aprovar ou mostrar os inconvenientes deste ou daquele pormenor e podem surgir assim actividades novas e interessantes.

MEDITEM E OBSERVEM O QUE SE PASSA NUMA PRÓXIMA REUNIAO...

(Preâmbulo da Ordem de Serviço n.º 6/73 do Grupo n.º 8 da A. E. P.).

À LAIA DA GAZETILHA

Em notícias difundidas
todos leram? eu e tu?
fizeram suas corridas
os escuteiros . . com u.

Entretanto, vejo só
que, em seus modestos pruridos,
os escoteiros — com ó,
coitados, foram corridos!

Sem sentenças fementidas:
não seria curial
evitar, nessas corridas,
a diferença da vogal?

Com uh! a interjeição
assusta, afasta, apavora.
Fale o irmão ao irmão
com oh! E tudo melhora!

E. M.

Conversando...

Escotismo — Passado e Futuro

Sessenta anos da Associação dos Escoteiros de Portugal. Sessenta anos passados desde que três grupos de escoteiros portugueses, já então existentes, sentiram a necessidade de juntar os seus esforços, de trabalhar em associação, proporcionando regras, organizando, sistematizando um movimento cujas raízes se haviam já fixado na juventude portuguesa, mostrando a força de um ideal que alastrava por todo o mundo.

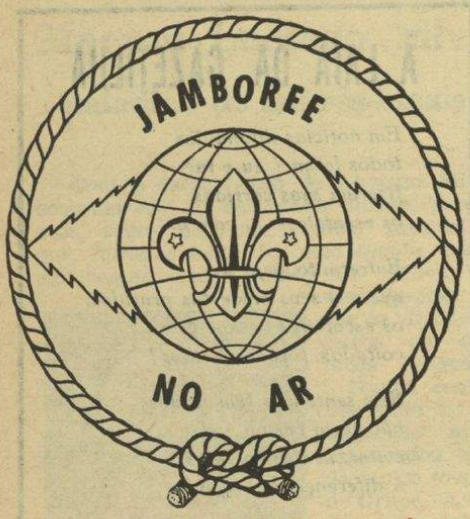
Movimento aberto a todos os jovens, sem distinção de raças, credos ou categorias sociais, havia de se transformar na acção educativa mais eficaz, mais persistente, mais realista e mais bem aceite de quantas foram, até hoje, apresentadas no nosso País.

Não obstante as intromissões que terá sofrido, as confusões a que o tornaram sujeito, as traições de que terá sido vítima, o Escotismo tem realizado em Portugal trabalho efectivo e concreto na educação e na preparação do rapaz como homem e como cidadão consciente.

Muito mais se poderia ter feito, é certo. Mas muito ainda está para fazer!

O Escotismo pode, o Escotismo deve, o Escotismo tem de realizar a sua tarefa em favor da nossa juventude.

M. G.



Em Outubro: O XVI Jambori do ar

O XVI Jambori no Ar está virtualmente à porta, pois que se vai realizar dentro de dois meses, mais precisamente no fim-de-semana de 20 e 21 de Outubro próximo.

A exemplo do que se fez nos dois últimos anos, o certame inicia-se às 0 horas e 1 minuto (hora local) de sábado (dia 20) e encerra-se às 23 horas e 59 minutos (também hora local) do dia seguinte. A Secretaria Mundial previne, no entanto, que este horário é apenas uma sugestão, visto que os que assim quiserem podem começar a operar, por exemplo, na tarde de sexta-feira, porque decerto encontrarão interlocutores no ar, que também se terão antecipado.

Este ano, o certificado de participante foi desenhado, como já informámos, pelo dirigente escotista brasileiro sr. Ernâni Rodrigues Gouvea, da Guanabara.

Graças a um subsídio da Fundação Japonesa da Expo 70, foi possível à Secretaria Mundial editar um cartaz gigante do 16.º JOTA, tendo por motivo o desenho do cartão de participante do qual foram enviados diversos exemplares às Organizações Nacionais para os distribuírem pelos grupos e outras entidades escotistas. Os destinados ao nosso país já se encontram na Alfândega, pelo que é de esperar que, em breve, seja feita a sua distribuição.

O JOTA e os Portugueses

Os escoteiros portugueses têm de fazer todo o possível por não perder a situação privilegiada conquistada nos últimos Jamboris no Ar. Para tal a Organização Nacional não se poupa a esforços e já está em grande actividade para levar a bom fim a nossa participação, através de uma preparação meticulosa e cuidadosa, feita a tempo.

Durante as 48 horas que vai durar o JOTA, a Organização Nacional disporá este ano de uma estação oficial, prevendo-se, desde já, uma série de remodelações com vista a melhorar o rendimento de Portugal na próxima edição do Jambori. Umas das inovações será a de distribuir os grupos por radioamadores, ou por áreas, de modo a evitar, tanto quanto possível, a aglomeração de vários grupos numa mesma estação. São evidentes as vantagens desta medida, visto que o número de radioamadores a operar será mais elevado, evitando-se, por outro lado, que alguns deles tenham o seu *chaque* superlotado, enquanto outros estejam sem ninguém.

Em complemento desta melhoria, pensa-se fazer este ano uma mais completa divulgação do acontecimento por meio de diversos folhetos e publicações sobre rádio, técnica, radioeléctrica, etc., os quais serão distribuídos aos grupos que neles tenham interesse.

A Companhia de Seguros Império vai publicar o novo manual *Técnica de Rádio*, traduzido do que foi publicado pela Boy Scouts of America sob o título *Radio*, para o que possui já a necessária autorização.

Também a sociedade J. Pimenta, SARL mais uma vez demonstra a sua simpatia pelos escoteiros, subsidiando a edição do Relatório Nacional do JOTA-72.

Por solicitude da Administração desta sociedade, numa das salas da sua sede em Queluz (Avenida António Enes, 25), estará patente ao público, nos dias 20 e 21 de Outubro p. f., diverso material de divulgação do nosso movimento e uma exposição filatélica. Nessa mesma sala, será aposto, no dia 20 de Outubro, o carimbo comemorativo do JOTA-73.

Vai ser feita nova edição do folheto *Como participar no Jambori no Ar*, ampliada.

O funcionamento das emissoras que participam no Jambori

Tal como nos anos anteriores, os Serviços Radioeléctricos dos CTT autorizam a colaboração das estações de radioamadores, desde que sejam operadas por radioamadores possuidores de carta e os assuntos a abordar não se afastem dos oficialmente autorizados.

No dia 20 de Outubro serão apostos carimbos comemorativos do XVI Jambori no Ar, oficialmente aprovados, na sede da firma J. Pimenta, SARL, como acima já informámos, e ainda nos seguintes locais: ANGRA DO HEROÍSMO, na Rua Dr. António Moniz, 14 (Grupo 52 da AEP); e FUNCHAL, Rua dos Ferreiros, 151 (Grupo 24 da AEP).

Foram também pedidos carimbos especiais para Benguela, Nova Lisboa, Dondo (Moçambique) e Lourenço Marques, os quais não foram ainda autorizados.

Igualmente foram requisitados os seguintes indicativos especiais: LISBOA, CT 1 AEP, CT 1 CNE e CT 1 JNO; QUELUZ, CT 1 JAM; SANTARÉM, CT 1 ESC; AÇORES, CT 2 AEP e CT 2 JAM; e MADEIRA, CT 3 AEP, CT 3 CNE e CT 3 JAM.

Artigos e publicações do JOTA

São os seguintes os preços destes artigos:

Distintivos bordados (fornecidos pela Secretaria Mundial) *só para participantes*, 15$00.

Relatório Mundial 72 (edição da Secretaria Mundial) em inglês e francês, 30$00.

Sobrescritos comemorativos com carimbo especial dos CTT:

JOTA 71 (Lisboa, Porto, Angra do Heroísmo, Luanda e Dondo), 5$00.

JOTA 72 (Lisboa, Santarém, Angra do Heroísmo, Nova Lisboa, Benguela, Lourenço Marques e Dondo), 4$50.

JOTA 73 (de localidades a indicar), 4$00.

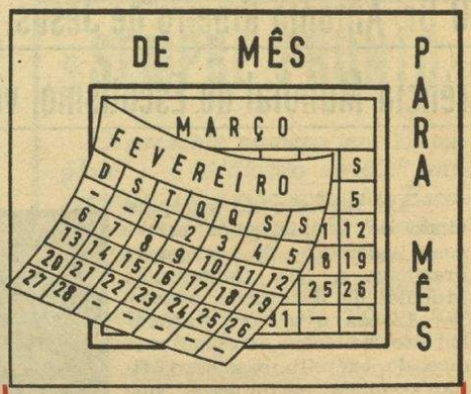
Relatório Nacional do JOTA 72 (a publicar):

Para as unidades participantes, grátis.

Para não participantes, 30$00.

As requisições devem ser acompanhadas da respectiva importância em cheque ou vale de correio ou ainda, quando de importâncias inferiores a 20$00, em selos do correio de 1 escudo.

Os pedidos destes artigos ou qualquer assunto relacionado com o JOTA, deve ser endereçado para: Escoteiros de Portugal, Cais do Sodré — Lisboa-2.



MÁ PUBLICIDADE



As Guias de Portugal realizaram o seu Acampamento Nacional em terras ribatejanas, junto do povo trabalhador e simples daquela formosa província. E as guias surgiram nas povoações, despertando a curiosidade das pessoas que, na maior parte dos casos, ignoravam o Movimento. Poderia ter sido uma obra de divulgação interessante se as guias conquistassem a simpatia das gentes. Acontece, porém, que as raparigas, muito jovens, na adolescência ainda, surgiram nos estabelecimentos e nas ruas quase sempre fumando o seu cigarro e causando a estranheza de pessoas que felizmente não estão familiarizadas com essas manifestações de progresso.

Se se reconhece que o tabaco está absolutamente condenado como agente de poluição, de promoção de doenças, será de tolerar a exibição do cigarro entre meninas, membros de um movimento educativo?

O Escotismo e o Guidismo destinam-se a formar jovens saudáveis de corpo e de espírito. E têm de fazer prova de que o conseguem.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO

Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:

MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:

CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00